

Um retrato social da resistência – As transformações que o *Rock and Roll* proporcionou para construção de uma nova sociedade.¹

Gabrielli Romanini da SILVA²

Marcos José ZABLONSKY³

Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, PR

RESUMO

O objetivo deste artigo, é fazer uma reflexão à respeito das transformações que a sociedade sofreu ao longo dos anos, impactados pelo estilo de vida de resistência que o *rock and roll* representou nas décadas de 50 à 80. Buscando retratar as cinco explosões transformadoras que o estilo musical teve ao longo de sua formação, por meio de análise baseada nos estudos feitos em sala de aula sobre a Indústria Cultural e Teoria Crítica, conclui-se que *rock* foi responsável por propagar uma ideologia e filosofia de vida para o maior número possível de pessoas, propiciando o início de discussões à respeito de temas como desigualdades social e racial, quebra de tabus das sociedades conservadoras e a busca por identidade de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: *Rock and Roll*; Indústria Cultural e Teoria Crítica; Contra cultura; Conservadorismo; Desigualdade;

INTRODUÇÃO

O *Rock and Roll* foi um movimento que começou aos poucos ao longo da década de 50. Os precursores foram o *blues*, o *gospel*, *jazz* e o *country*. Símbolo de resistência e de rebeldia, o estilo de vida que foi gerado a partir do *rock*, influenciou na forma como a sociedade via os acontecimentos ao seu redor e lidava com o conservadorismo exacerbado em que estavam inseridos. Afetava sobretudo os jovens, adolescentes rebeldes que viam no *rock* uma forma de contestação e um catalisador para a formação da sua própria identidade. Sentindo-se parte do movimento, pela primeira vez, tinham voz e algum representante que expressava seus anseios, as angústias e necessidades, em suas músicas. Era o início da chamada representatividade, luta pela desigualdade e as diferenças, questões que são amplamente discutidas nos dias atuais.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da PUCPR, email: romanini.gabi1@gmail.com

³ Professor Titular da Escola de Comunicação e Artes da PUCPR. email: marcos.zablonsky@pucpr.br

O *blues* é um dos pilares do *rock*, de origem negra que tinha letras sobre adversidades, conflitos e sentimentos. O segundo estilo musical foi o *gospel* que também tem origem no movimento negro, são músicas religiosas e que tinham um estilo de canto muito característico, de ‘chamado-e-resposta’. O *jump band jazz*, foi o terceiro movimento que deu suporte ao *rock and roll*. Este tinha um estilo mais dançante, letras mais animadas e com bandas de cinco ou seis instrumentistas. A parcela de influência dos brancos na construção do *rock*, foi o *country*, nascido nos estados de Texas e Oklahoma, com instrumentos como: rabeca, guitarra elétrica, baixo e violão.

Foram cinco grandes explosões modificadoras que o estilo teve, ao longo das décadas passadas, e que foram decisivos para a consolidação do *rock and roll* como sinônimo de rebeldia. O que pretende-se refletir neste artigo é como as influências desse estilo musical afetaram a sociedade e deram base para os movimentos de contestação que vemos hoje.

O *rock* juntamente com o movimento *hippie*, foram os primeiros a difundir esse novo estilo de vida de resistência e hoje é sinônimo de luta. Nesse artigo, a Teoria Crítica e o fator Indústria Cultural foram objetos de estudos, abordados no curso de Publicidade e Propaganda da Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR, sob a ótica das influências da massificação do *rock and roll* para a construção de uma sociedade mais contestadora e transformadora. Theodor W. Adorno e Max Horkheimer são os dois principais teóricos que discorrem sobre este tema. Eles explicam os efeitos negativos que a Indústria Cultural pode ter sob o indivíduo, como por exemplo, alienação e manipulação. Também foi realizado um vídeo que sintetiza todo o tema abordado neste artigo. Desigualdade, gênero e diversidade são temas que na sociedade atual são amplamente discutidos e este artigo busca retratar o que foi pano de fundo para essas mudanças no comportamento social.

METODOLOGIA

Para a produção deste artigo se fez uma pesquisa documental, bibliográfica a respeito da história do *rock* e discussão da Teoria Crítica em sala de aula, baseado nos conceitos presentes no livro *Dialética do Esclarecimento*. A aplicação de metodologias ativas na disciplina de Teorias da Comunicação do curso de Publicidade e Propaganda, permitiu uma participação mais significativa de todos os alunos na escolha de temas de

interesse de cada grupo relacionando com a Teoria Crítica e a Indústria Cultural. O método de sala de aula invertida, aprendizagem por pares e trabalhos por times, exigiu uma maior autonomia e busca de novos olhares tanto nas pesquisas, quanto na forma de construir e elaborar o conhecimento. Participamos de discussões, elaboração de mapas conceituais, infográficos e complementamos com seminários e a produção de um vídeo sobre o tema escolhido. Os grupos foram formados pelo professor, de forma sortida e que proporcionou uma rica troca de experiências e vivências com pessoas fora da nossa zona de conforto.

A abordagem feita em sala de aula permitiu que tirássemos dúvidas com o professor a todo o momento. Tínhamos dois encontros por semana, no primeiro absorvíamos conteúdo que deu embasamento teórico à respeito da Indústria Cultural e Teoria Crítica. E no segundo encontro a prioridade era a produção do trabalho, com as pesquisas previamente realizadas, o professor dava atenção para cada um dos grupos, analisando as informações coletadas sobre seus temas, ajudando a desenvolver critérios de escolha e dando o caminho para pesquisas mais aprofundadas.

Todos os grupos tiveram total liberdade para a escolha do tema que iria abordar em seu trabalho, desde que todos tivessem ligação com a Indústria Cultural e seus efeitos, tendo como base os teóricos estudados durante as aulas. Foi necessário a produção de um vídeo que serviria como síntese de todo o trabalho escrito. Ao final do semestre realizamos uma apresentação de cerca de 30 minutos sobre as influências da massificação do *rock* enquanto estilo de vida na sociedade das décadas de 50 à 80. Nossa apresentação contou com um *mix* de várias músicas que marcaram cada uma dessas décadas, tocadas por um dos integrantes da equipe em sua guitarra, mostrando a evolução do estilo ao longo das décadas e trazendo ainda mais dinamismo. Foi uma oportunidade de trocas de experiência e aprendizado muito rica. (Figura 1).



DESCRIÇÃO DO VÍDEO

O vídeo produzido para este trabalho é composto por *takes* de cada uma das explosões do *rock* detalhadas neste artigo, somado à desenhos que representam outras partes importantes da temática e a músicas que embalam cada momento do estilo. O objetivo principal é sintetizar, tornar dinâmico e claro o quanto o estilo musical *Rock and Roll* mudou a forma como a sociedade era constituída. Fazendo sempre o papel de questionador do conservadorismo, preconceitos e tabus de cada década. Na figura abaixo, está sendo gravada a dinâmica apresentada no vídeo. Foram feitos desenhos que exemplificassem as passagens mais importantes narradas durante o vídeo. (Figura 2).



O vídeo conta um resumo de todas as reflexões apresentadas neste artigo. Busca retratar de forma simples, divertida e didática as principais explosões do *rock* ao longo de toda a sua formação. Mantendo uma trilha sonora com as principais músicas dos artistas que fizeram mais sucesso em cada uma das quatro décadas. Confira o vídeo na íntegra o *link* ao lado (<https://www.youtube.com/watch?v=EIBnNTE0xeM&feature=youtu.be>).

O ROCK CLÁSSICO

Para compreender a história do *rock*, precisamos retomar as suas origens. O surgimento do *rock and roll* foi na década de 50, já naquela época o amor e a rebelião eram os principais temas que compunham os gêneros de *pop/rock*. Chamado desta forma por ser o *rock* popular, extremamente massificado e que vendia milhares de cópias, gerando muito lucro para a grande indústria do *rock*. Foi adotado por toda uma geração de adolescentes que exalavam insatisfação, buscavam alternativas livres para a repressão sexual, questionavam dogmas, ansiavam por identidade de grupo e perseguiram seus próprios objetivos. Percebe-se o quanto esses anseios são vistos até os dias atuais na nossa

sociedade. A luta que começou há sete décadas foi ressignificada, reestruturada e ainda perdura.

Os anos dourados, foram marcados por uma série de revoluções tecnológicas e o estilo foi responsável por manter viva a chama do rádio, que tinha seus dias contados com a chegada da televisão. Foi nessa época que as propagandas invadiram os meios de comunicação e propiciaram um aumento no consumo. A Indústria Cultural ganhou uma nova força nessa fase, o momento de ascensão dos meios de comunicação mostrou para a indústria de entretenimento quão forte era sua influência sob a massa que os consumia diariamente. Os adolescentes rebeldes revelaram para o mercado que eram um grupo extremamente maleável, gastando seu dinheiro de forma previsível e descontrolada.

Nos anos 50, o *rock and roll* atacou, quase diretamente, muitas das instituições que ajudavam a controlar os jovens... Durante os anos de autoritarismo silencioso do governo *Eisenhower*, a maneira sugestiva de se comportar no palco, os vocais guturais e as letras de duplo sentido do *rock and roll* foram vistos como ataque à decência sexual e à família estável. O *rock and roll* encorajou a separação da juventude do controle familiar. (CHAPPLE et al. GAROFALO, apud FRIEDLANDER, 2004, p. 46).

É possível dividir o *Rock Clássico* em duas gerações, a primeira geração é representada, em sua maioria, por negros. Os pioneiros foram Fats Domino, Chuck Berry, Little Richard e Bill Haley. Eles conquistaram as paradas de sucesso na primeira metade dos anos dourados. Trazendo para suas letras, celebrações de experiências de vida e questões dos adolescentes da era pós-guerra. E por mais que fizessem sucesso, o preconceito existente não deixou que alguma dessas figuras fosse considerada ‘rei do *rock*’, a indústria precisava de um branco que tivesse as características necessárias para ser uma figura comercial. Por hora, a primeira geração do *rock and roll* foi responsável por abrir uma caixa de Pandora, com músicas contestadoras para a sociedade da época, que mudaram para sempre o estilo de vida dos adolescentes.

A segunda geração do *Rock Clássico* foi formada essencialmente por brancos. Representada por figuras como Jerry Lee Lewis, Buddy Holly, os Everly Brothers e, é claro, Elvis Presley. O ‘Rei do *Rock*’ mudou a forma como o mundo enxergava o *rock*, se transformou numa imagem e personalidade que a indústria precisava. Com o suporte de uma grande gravadora e um ótimo empresário, Elvis foi usado como instrumento para a divulgação de massa desse gênero musical, ideais e principalmente, um estilo de vida.

Presley emplacou diversos *hits*, estrelou filmes *hollywoodianos* e fazia inúmeras aparições em programas televisivos.

Essa geração trazia uma nova música e identidade para os adolescentes. Carregada de rebeldia contra a norma padrão, romantismo e desespero, eram vítimas das circunstâncias e permaneciam desamparados. Outros artistas contribuíram para o fortalecimento desse sentimento entre os adolescentes. Eles faziam turnês com um *show* por dia, sem descanso, onde os maiores astros do *rock* se apresentavam juntos, o clima era de absoluta camaradagem e troca de experiências. Não havia espaço para preconceito entre raças.

A INVASÃO INGLESA

Os anos 50 chegaram ao fim, e com ele o *Rock Clássico* perdeu sua força. Houve um período de transição no início dos anos 60, onde fora fomentada uma variedade de novos estilos de música popular. Apesar de valiosos, nenhum deles obteve muita visibilidade e chegou a se cogitar, que o *rock and roll* havia chegado ao seu fim. Mal sabiam que a invasão inglesa estava prestes a mudar a história do movimento.

A principal banda a liderar esse momento épico da história foi, claro, os Beatles. Donos da responsabilidade por causar uma verdadeira revolução na sociedade dos anos 60, marcaram por seu intenso impacto social e comercial. A banda teve como apoio uma equipe de ótima administração e a sorte da explosão de tecnologias de comunicação e *marketing* da Indústria Cultural ter acontecido nessa época, eles apareciam em programas de televisão, lançavam discos, faziam turnês e lotavam casas de *shows*.

Os Beatles recriaram o *rock*, fizeram um som completamente original e novo, traziam consigo as marcas de rebeldia apresentada pelo *rock clássico*, faziam declarações polêmicas e eram cada vez mais admirados pela população, aclamados e copiados pelos adolescentes. O grupo tinha tanta influência na sociedade da época que mudou a forma de relacionamento entre as gravadoras e os artistas, começou a lançar álbuns com várias faixas ao invés de *singles* separados e gerou um lucro nunca antes visto na indústria fonográfica. Em citação presente no livro '*Rock and Roll – uma história social*', Bob Dylan deu uma declaração em 1964, dizendo "Eles [os Beatles] estavam fazendo coisas que ninguém fazia." (FRIEDLANDER, p.117).

O grupo vendia milhares de cópias, produziu vários discos e fez diversas turnês, o sucesso comercial do quarteto era surpreendente, alimentando assim, o ritmo de produção de entretenimento em larga escala da Indústria Cultural. O álbum *Please, Please Me*, por exemplo, alcançou o 1º lugar em vendas e se manteve nessa colocação por 30 semanas. Para se ter uma ideia do poder de *marketing* que a banda tinha, foi realizada uma promoção para apresentá-los à sociedade dos Estados Unidos e quando as músicas finalmente chegaram, a América já estava afoita. E em fevereiro de 1964, 73 milhões de telespectadores os assistiram no programa de televisão *'Ed Sullivan Show'*.

Expandindo qualquer fronteira que já havia sido alcançada, os Beatles espalharam suas mensagens aos quatro cantos do mundo e fizeram diversas turnês. Aos poucos os músicos se deram conta do seu alto poder de influência, e foram responsáveis por produzir e propagar canções com mensagens mais significativas, refletindo a sociedade e a psique humana.

No livro *'Rock and roll - uma história social'*, o autor afirma que os Beatles foram muito mais do que um conjunto musical de sucesso, eles eram compositores, produtores e homens de negócio (FRIEDLANDER, p.148). O quarteto Paul, John, Ringo e George formaram a potência musical mais poderosa do estilo em toda a sua história, suas canções retratavam a consciência gerada pelo movimento de contracultura, extremamente presente nesta época. O impacto e a aceitação mundial que os Beatles receberam, ajudou a divulgar esses ideais para uma multidão imensurável de pessoas. E até hoje, somos instigados a procurar e questionar o contexto social em que o *rock* eclodiu.

Se na década anterior o *rock clássico* foi responsável por abrir a caixa de Pandora, os Beatles transformaram tudo o que saiu dessa caixa em arte. (FRIEDLANDER, p.149). Foram o combustível para o enfrentamento da moral prevalecente e deram o pontapé inicial para um sem número de criações e experimentações. Os Beatles chegaram para mudar a sociedade em toda a sua estrutura, chegaram para causar, questionar e cravaram suas marcas para sempre na história.

A ERA DO OURO

Outra banda importante que comandou a invasão inglesa foi o Rolling Stones. Diferentemente dos Beatles, os Stones tinham uma rebeldia muito mais aflorada, emoções mais brutas e iam muito mais além do que apenas protestos, causavam verdadeiras

manifestações de violência. O uso de drogas ilícitas era muito mais intensificado e corriqueiro. O grupo havia conquistado um notório reconhecimento comercial e ganhou o apelido de ‘*bad boys do rock and roll*’.

Com o passar dos anos, houve uma maturação da banda, criou-se a necessidade de fazer coisas diferentes e, assim como os Beatles, os Stones começaram a incluir em seu repertório, músicas mais profundas que retratavam a preocupação política e social. Longe de serem submissos, seguiram sendo o mais polêmicos que conseguiam ser. Apresentavam aos seus fãs um comportamento sexualizado, agressivo e de crueldade, nunca antes vistos com tanta intensidade. A respeito das mudanças sociais que os Rolling Stones estavam causando, Mick Jagger deu uma declaração impactante e intrigante sobre seus sentimentos, “Sinto perigo no ar... Os adolescentes não estão gritando mais por causa da música pop, eles estão gritando por razões muito mais sérias... Contra o mundo e a maneira como vivem. Vejo muitos problemas se aproximando.” (FRIENDLANDER, p.168.)

O baque mais significativo a respeito dessa mudança perigosa que o estilo estava causando, já estava dando sinais de que aconteceria há muito tempo. Ondas de violências eram corriqueiras nos *shows* dos Stones e em 6 de dezembro de 1969, no último *show* de sua turnê um jovem foi espancado até a morte pelos seguranças do *show*. A banda foi profundamente impactada por este acontecimento e as críticas pela mídia obrigaram os integrantes à um período de reclusão, depois do escândalo.

O MARCO DO WOODSTOCK

Nos dias 15,16 e 17 de agosto de 1969, em uma fazenda na cidade de Bethel nos Estados Unidos da América, aconteceu a *Feira de Arte e Música de Woodstock*. Um dos festivais mais influentes da história da música, foi o epicentro do movimento *Hippie*. Composto por um público de jovens contestadores, rebeldes que apoiavam o movimento de contracultura e pregavam os lemas ‘faça amor, não faça guerra’ e ‘paz e amor’.

A contracultura era uma cultura alternativa que representava a contestação dos jovens ao conservadorismo predominante na sociedade da época, tanto familiar quanto religioso. Esses jovens revolucionários, buscavam a liberdade que há muito lhes era negada. O movimento social foi formado em sua maioria por jovens de classe média, que haviam tido acesso às universidades, à espaços de discussão e de fomentação de senso

crítico. Eles colocavam em cheque os tabus morais e culturais, propunham novas formas de enxergar o mundo, pensar, agir e criar arte, música e movimentos sociais mais modernos e apropriados para a realidade.

O clima de rivalidade gerado pela guerra fria e as injustiças da guerra do Vietnã, serviram de combustível para que o movimento inflasse cada vez mais. O *rock and roll*, juntamente com o sexo sem proteção e o uso de drogas sintéticas, tornou-se a principal maneira que os jovens da época acharam para protestar contra esses acontecimentos.

Foram vendidos inicialmente cerca de 180 mil ingressos, mas cerca de 400 mil pessoas foram à fazenda, transformando o evento em algo gratuito. Nem a chuva que acabou com o gramado do evento e as poças de lama que tomaram conta do lugar, foram suficientes para estragar com a animação dos participantes.

O festival foi tão lendário e importante para a história do movimento que virou um documentário e serve de inspiração até os dias atuais. Foi uma manifestação pacífica, que gerou fortes impactos na construção de movimentos sociais. Foi nessa década, que nasceu a ideia de libertação dos dogmas das instituições, com relação aos gêneros. Quase 40 anos depois, a luta por questões de gênero, aceitação do diferente e combate ao preconceito, ainda são temas discriminados e muito longe de serem aceitos pela sociedade atual. A revolução começou há anos, mas a evolução é tardia.

A EXPLOÇÃO DO HARD ROCK

Os anos 70 chegaram, e com ele os adolescentes rebeldes da década de 50 já haviam crescido e os da década de 60 já tinham absorvido toda a mudança que os Beatles causaram. Não adiantava mais os críticos irem contra, o *rock* era consumido por boa parte da sociedade abaixo dos 30 anos, que tinha no *rock* uma filosofia de vida. O estilo já estava consolidado e fazia parte da cultura americana e inglesa.

Boa parte dessa solidificação do estilo, se deve ao fato do alto consumo e demanda terem feito com que as grandes gravadoras ampliassem muito mais seus negócios. Crescessem em níveis astronômicos, com cifras gigantescas, engolindo toda e qualquer pequena gravadora. O controle e a manipulação das gigantes do *rock* gerou uma nova efervescência na sociedade dos anos 70. Jovens profundamente insatisfeitos com o envio de homens para a Guerra do Vietnã, faziam protestos contra o governo em atos de

desobediência civil. Em meio a esse turbilhão começou também há haver gritos das minorias por direitos iguais, tanto economicamente, quanto social e politicamente. A sociedade não conseguia mais ficar quieta e carecia de urgência.

O momento era propício para que a quarta explosão de rock acontecesse e foi aí que o *hard rock* nasceu e trazendo consigo o lema ‘sexo, drogas e *rock and roll*’, a banda Led Zeppelin roubou a cena. O *rock* primitivo, com acordes mais desleixados, gritos e sem muita complexidade, fazia com que a crítica os considerasse como limitados.

Em contrapartida, era justamente essa rebeldia que o público predominantemente masculino gostava de ver e quando a banda desembarcou nos Estados Unidos foi uma grande euforia. Eles foram extremamente bem recebidos, uma popularidade bem mais alta do que se era esperada, a turnê foi um sucesso e a banda semeava muito mais do que imaginava em seus ouvintes. Mesmo que não quisessem, influenciavam seu público e provocavam questionamentos políticos e morais.

Depois de um tempo reclusos os Led Zeppelin voltaram ganhando ainda mais notoriedade e popularidade entre os britânicos, tornando-se o grupo mais popular da Inglaterra. A primeira vez em oito anos que os Beatles não ganhavam o título. Iniciaram turnês que lotaram casas de *shows*, venderam três vezes mais discos que os Rolling Stones e estavam maduros o suficiente para brilhar no cenário do *rock* mundial. O *hard rock* dos Zeppelin seguiu fazendo turnês lendárias, desbancando e quebrando recordes batidos pelos Beatles. Levando milhares de fãs aos estádios, lotando seus *shows*, causando arruaça e lucrando com toda essa rebeldia a florada.

O Led Zeppelin ficou amplamente conhecido como um grupo de *shows* bombásticos, com um ritmo pesado e letras pseudoprofanas, mas agora está claro que a banda mudou o cenário do *rock* que se fazia na época. E a fórmula básica do *heavy metal* foi codificada... Exaltados tenores masculinos cantando letras que combinavam perfeitamente misticismo, sexismo e hostilidade. (TUCKER, 1986 apud FRIEDLANDER, 2004, p. 341).

Infelizmente, a banda não resistiu à morte do baterista Bonham em 1980. Mas influenciou gerações inteiras e diversas outras bandas que mantiveram a chama do *hard rock* viva, aperfeiçoaram o estilo e deram vida ao *heavy metal*. Um estilo de vida que ganhou diversas facetas e inclusive um lado mais teatral interpretado pela banda Kiss. Unindo-se a outras notórias e importantes bandas, foi o estilo que mais vendeu no final

dos anos 70, expressava o sentimento dos adolescentes em crise, o fim do sonho americano e as questões que sempre nortearam e deram sentido ao *rock*.

É importante ressaltar que o *hard rock* e o *heavy metal* não foram os únicos estilos musicais que alimentaram a indústria do *rock* nos anos 70. Uma outra parcela da sociedade buscava por uma música que refletisse mais seriedade, maturidade e harmonia. Foi então que o *art rock* e *rock progressivo* ganharam espaço, com sua criatividade, experimentação, complexidade na construção da percussão, letras com mais conteúdos e reflexivas. A principal banda a liderar esse movimento foi o Pink Floyd, com letras mais filosóficas e com melodias suaves e calmas.

A REBELDIA DO PUNK

Na década de 80, as grandes gravadoras já haviam fechado contratos de longa data com bandas que faziam sucesso há décadas e não davam espaço para novos cantores e bandas mostrarem seu potencial. O público começou a enjoar da pouca variedade de músicas que tocavam diariamente nas rádios, extremamente insatisfeitos começaram a reagir.

A natureza violenta característica do *punk* tem uma causa justa, no momento em que o estilo despontou, a sociedade inglesa estava passando por um período de declínio econômico em que a falta de oportunidades econômicas e educacionais foi agravado. A população mais pobre era obrigada a desistir da escolarização e a falta de perspectivas fez com que esses jovens se revoltassem.

O *punk rock* foi feito para chocar, para causar e mostrar para a sociedade conservadora que eles estavam ali. A parcela da sociedade que era marginalizada e criminalizada ansiava por voz e fazia qualquer coisa para isso. Os artistas eram contra o monopólio das grandes gravadoras da indústria do *rock*, trocaram os estádios por apresentações em *pubs* e gravações com selos pequenos e independentes. O *punk* mais do que qualquer outro antecessor foi um estilo de vida que movimentou e produziu mais segmentos além da música.

Suas roupas eram intencionalmente elaboradas para fazer o vestir parecer tão repugnante quanto possível, aludindo a qualquer coisa que causaria revolta imediata ao olhar... Cabelo cortado rente à cabeça e tingido de qualquer cor desde que não parecesse natural e colocado em forma de espetos com vaselina; narizes, orelhas, rostos, lábios e outras extremidades furadas com vários alfinetes de

fralda, correntes e insígnias penduradas, camisas velhas e rasgadas, arrematadas com gravatas finas desfiguradas com pixações presumíveis de títulos de canções, perversões ou observações críticas; pulseiras e coleiras de couro preto crivadas de tachas prateadas, às vezes trazendo correntes presas. (BURCHILL et al. PARSONS, 1977 apud FRIEDLANDER, 2004, p. 352).

Os Sex Pistols foi a banda mais influente do *punk rock*, formada por *skinheads*, o maior objetivo da banda era causar espanto no conservadorismo e incitar seus adeptos. Não demorou muito para que os *shows* da banda nos pequenos *pubs* espalhados por Londres se tornassem palco para brigas entre os simpatizantes da banda, inclusive os próprios integrantes da banda estimulavam seu público a ter práticas como esta. Os jovens se chocavam uns contra os outros, cuspiam, davam socos e trocavam xingamentos. Em pouco tempo os *shows* foram banidos desses pequenos espaços. Todo esse ódio se transformava em um elo maior ainda, com uma união impressionante entre a banda e seus seguidores, gerando um senso de comunidade e de pertencimento. Os Pistols foram os representantes de toda uma geração de jovens marginalizados, criminalizados e que encontraram no *punk* uma forma de gritar para o mundo as suas realidades e sofrimentos.

Com essa clara ascensão do estilo, as gravadoras não tiveram outra alternativa a não ser ir atrás dessas influências. O *punk* tinha muitos simpatizantes e a indústria precisava vender, o primeiro disco dos Sex Pistols produzido por uma grande gravadora, vendeu cerca de 50 mil cópias na Inglaterra.

CONCLUSÃO

Não restam dúvidas de que o *rock and roll* é um estilo musical que se transformou em um movimento social, e foi importantíssimo para compreender os avanços de discussões que ainda persistem na nossa sociedade. Ele propagou críticas contra o conservadorismo, preconceito entre as classes sociais, raças e gêneros. Cada uma dessas explosões modificadoras teve impactos significativos para a construção de pensamentos mais críticos e contestadores a respeito da realidade vivida por essas gerações.

As necessidades sentidas pelos jovens de cada uma dessas décadas, serviu de combustível para a Indústria Cultural. Theodor Adorno e Max Horkheimer são os dois principais pensadores da Teoria Crítica e buscam entender toda a plenitude do termo ‘Indústria Cultural’, não apenas em meios teóricos, mas também na prática. Em seu livro ‘Indústria Cultural e Sociedade’, Theodor W. Adorno diz que cada cultura de massa tem o mesmo esquema de funcionamento, ou seja, seu esqueleto de formação é o mesmo.

Como pudemos notar nesse artigo, o *rock* sofreu modificações ao longo dos anos e foi moldando-se para atender às necessidades de cada geração, porém a essência seguiu sendo a mesma. É um estilo musical que representa a rebeldia, a insatisfação sentida pelos adolescentes, a quebra de paradigmas, tabus e preconceitos. A cada década novas discussões foram levantadas e outras caíram por terra, mas a busca por identidade, pertencimento à um grupo social e protestos contra os costumes conservadores, seguiu sendo as principais bandeiras levantadas pelos adeptos ao movimento.

Adorno ressalta ainda que a produção de músicas e filmes, por exemplo, não é mais encarada como arte e sim como negócios. Podemos notar que as indústrias do entretenimento criam bandas, filmes e programas televisivos em que o que é apresentado para o público é mais do mesmo. Podemos notar que na década de 70, quando o *punk rock* explodiu, o mercado do *rock* estava extremamente saturado. As bandas antigas tinham contratos duradouros com as grandes gravadoras, na esperança de ainda conseguirem fazer sucesso. Enquanto que as novas tinham pouquíssimo espaço no mercado, eram raras as que conseguiam entrar para alguma gravadora reconhecida e as que alcançavam esse patamar, eram praticamente cópias de outras bandas que conquistaram sucesso anteriormente.

Pouco importava para as gigantes do *rock* se eles gostavam ou não do som e atitudes de determinada banda, se havia público para um lucro considerável, estava dentro do páreo. Esse é um dos motivos pelos quais a banda Sex Pistols, por exemplo, inicialmente contrária ao monopólio das grandes empresas, em determinado período sucumbiu à tentação e se uniu a uma gravadora reconhecida, passando a produzir seus discos em estúdios. Adorno aponta que os talentos pertencem à indústria antes que elas os apresente. De certa forma por mais contestador, crítico e polêmico que o artista seja, ele depende da indústria para difundir seu trabalho. Seu público precisa ter meios de achar aquilo em que se identifica.

Não há problema algum nessa interdependência entre os meios de divulgação e os artistas, o problema acontece quando a manipulação é tão grande que não dá ao seu público a chance de escolha por algo diferente. As mesmas músicas são tocadas em diferentes estações de rádios, são criados programas parecidos em todos os canais e filmes que desde o início você já sabe qual será o final. Adorno critica a alienação e manipulação

que está por trás de toda essa jogada entre os grandes detentores das ferramentas de divulgação das informações. Ele afirma que essa prática causa atrofia no consumidor daquela forma de entretenimento e não permite o senso crítico.

A música *The wall* é até hoje usada como forma de análise da vida em comunidade e um ótimo exemplo dos pontos negativos que a Indústria Cultural pode oferecer ao indivíduo. É uma crítica à forma como a sociedade e principalmente os meios de comunicação de massa querem impor que as pessoas sejam todas iguais, sem senso crítico e pensamento próprio. Na música o alvo são crianças reprimidas e influenciadas pela rigidez dos professores, mas na interpretação é perceptível o quanto essa reflexão cabe para todas as esferas da sociedade e até mesmo para os dias atuais. Onde as mídias desde sempre mantiveram o controle sobre as informações, manipulando e controlando os espectadores multiplicando e propagando discursos que favoreciam apenas à grande indústria detentora da maior fatia dos recursos.

Todavia, percebemos que o *Rock and Roll*, mesmo fazendo parte da indústria cultural, tenta desde a sua formação, ir contra essa estrutura de pensamento. Sendo assim, parte integral da contestação à diversos setores da sociedade. A essência do movimento é a rebeldia. O *rock* foi muito mais do que um estilo musical, ele participou ativamente de uma verdadeira revolução na construção da filosofia de vida de várias gerações e tem adeptos até os dias atuais.

O estilo foi precursor de vários outros e incentivou discussões que estão em voga até os dias atuais. Os adolescentes da década de 50 e 60 ansiavam por voz contra o conservadorismo presente e queriam romper com as barreiras familiares e religiosas que os aprisionavam. Os *hippies* do *Woodstock* lutavam por ‘paz e amor’, eram fomentadores de discussões a respeito dos tabus existentes perante a práticas como o sexo livre, independentemente da identidade sexual e do uso de drogas. Na década de 70 os adeptos ao *heavy metal* e ao *hard rock* chocaram com letras abusivas e perversas que não eram amplamente aceitas pela sociedade. E os *punks* vieram para causar um verdadeiro choque cultural na sociedade dos anos 80. Com roupas rasgadas, pretas e com apliques, cabelos pontudos coloridos, *piercings* e uma atitude de verdadeira afronta aos costumes tradicionais.

A conclusão a que podemos chegar ao fim desse estudo, é a de que o *rock* foi um movimento de resistência e serviu como um ponto de partida para um sem número de discussões. Causou mudanças significativas na sociedade e foi o precursor para outros movimentos sociais. Muitos debates que se iniciaram lá no começo do movimento são cultivados até hoje, a cada geração são somados novos aspectos e ressignificações, mas a estrutura segue a mesma. O objetivo central da nova geração que está surgindo hoje, assim como a do início do movimento do *rock*, é a busca por identidade. A procura por um encaixe em determinado grupo social, a indagação a respeito de representatividade, pela liberdade de escolha ao gênero de sua preferência e a repulsa por qualquer forma de intolerância seja ela de raça, cor, etnia, nacionalidade, preferência sexual ou identidade de gênero.

A sociedade está em constante transformação, estamos suscetíveis a evoluções bem como a transgressões. É um movimento natural e constante. Porém a essência segue sendo a mesma, a busca por identidade continua sendo a alma da ideologia contemporânea. Como já foi citado anteriormente, a revolução começou há tempos e a evolução tarda, mas desistir jamais. Seguindo com um passo de cada vez, saudemos dizendo ‘vida longa ao *rock and roll*’.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Ed. Paz e Terra S/A, 2009.

FRIEDLANDER, P. **Rock And Roll: uma história social**. Rio de Janeiro. Ed. Record, 2004.

MUGNAINI JUNIOR, A. **Breve História do Rock**. São Paulo. Ed. Claridade, 2007.